

**“AGRASTE (MAVA-ROSA)” E O CONTROLE DOS CORPOS: UMA
PERSPECITAV MARXISTA.**

Júlia Macedo Oliveira Correia Inocêncio¹

RESUMO: Este artigo propõe relacionar as circunstâncias particulares apresentadas na peça teatral Agreste (Malva-Rosa), de Newton Moreno, aos conceitos gerais marxistas de classe, estrutura e superestrutura. Para aprofundar a reflexão, também referencia as obras de Victor Nunes Leal, como recurso para entender os impactos do coronelismo na sociedade brasileira, e Silvia Federici, tangendo mais especificamente o domínio dos corpos da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Trabalho; Classe; Afeto; Dramaturgia; Autonomia corporal; Sociedade.

1. INTRODUÇÃO

Escrita pelo dramaturgo pernambucano Newton Moreno e publicada em 2004, a peça Agreste (Malva-Rosa) narra a vivência de um casal de trabalhadores no sertão nordestino. Muito poética e carregada da riqueza da cultura oral, se desdobra em uma forte denúncia da intolerância comunitária e das violências de classe, gênero e identidade de gênero. A seguir exploraremos como a teoria marxista abarca certos elementos narrativos, pontuando o papel estruturante do trabalho em diversas configurações sociais e, por consequência, os corpos que a compõem.

No texto, uma lavadeira e um lavrador se encontram através de olhares por uma cerca, durante anos. Em dado momento, surge um grande buraco na cerca. Ela o cruza, ele se aproxima e acontece o encontro físico – tão emocionante, que os leva a fugir correndo juntos. Depois de muito andar

¹Aluna do 1o Técnico em Teatro Subsequente – Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina Fundamentos do Trabalho, sob orientação da professora Eliana Maria dos Santos.

sob o sol, eles quase perecem perdidos na seca, mas uma mulher os encontra e leva até o vilarejo. Lá se estabelecem, constroem uma casa para viver e trabalham. Após 22 anos de união, Etevaldo morre. A viúva aceita o auxílio das vestideiras para vestir-lhe o terno, dizendo nunca ter testemunhado sua nudez. O escândalo é geral quando as mulheres constataam que o falecido era fêmea. Por fim, há a intervenção do padre e do delegado, antes que a fúria popular incendie a casa do casal. A seguir, relacionamos a teoria sociológica às circunstâncias dadas.

2. Desigualdade de classe e poder.

A questão de classe se apresenta desde o primeiro ato e é ressaltada em detalhes do texto: como quando a viúva se recorda da fome que sua mãe passou, ou quando se cita a falta de dentes e a puidez do terno do falecido. O real impacto da desigualdade pela posse de terra fica evidente na fala do delegado que, de forma bastante agressiva, comunica que o enterro foi proibido naquelas terras pelo dono, Coronel Heráclito, e adverte que ela será presa pela manhã pelo crime de viver uma relação sáfica.

A partir disso, podemos pensar os corpos dos trabalhadores subjugados à classe dominante para além do processo produtivo. No terceiro livro de O Capital, Karl Marx conceitua três classes por posse, de força produtiva, capital ou meios de produção; de acordo com ele, o surgimento destas é possível graças ao excedente de produção e conseqüente acúmulo privado, gerando as desigualdades que superam os recursos materiais e extrapolam para o poder político e autonomia do proletariado e, portanto, suas possibilidades de vida.

2.2 À brasileira.

Afinando a perspectiva, podemos pensar o entendimento marxista de estrutura (econômica) enquanto fundamento da superestrutura (política, religião, ideologia) que define as outras esferas da vida social, não exclusivamente, mas fortemente baseada na economia. Essa perspectiva é

reforçada no contexto brasileiro pela pesquisa de Victor Nunes Leal, em “Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil”, onde ele detalha a profunda relação de controle e poder político dos coronéis sobre quem trabalha em suas terras. Além disso, a interação estreita entre este domínio regional e o estabelecimento do domínio do Estado por oligarcas.

3. Afeto e autonomia corporal no capitalismo.

Outra questão presente na fala do delegado é o trabalho doméstico enquanto dever da mulher, no trecho “Cuidou bem dela, hein? Está gorda como filho de ladrão quando o pai tá solto”. A esta determinação social imposta aos corpos femininos, Silvia Federici propõe uma compreensão materialista que conclui esse fenômeno sendo fundamental para que se sustente o sistema capitalista de exploração, a família trabalhadora e a continuidade da prole. Portanto, é cabível traçar um paralelo à intolerância afetiva, sexual e identitária abordada na peça. Que impacto um corpo com autonomia de decisão e liberdade sexual tem nas estruturas do sistema vigente?

Dessa forma, o controle dos corpos explorados é imprescindível para a reprodução da ordem, limitando possibilidades de expressão e afeto autênticas. Vale lembrar que atualmente, em 2024, o Brasil segue no topo da lista dos países que mais matam pessoas trans. Assim, a superestrutura da ideologia de intolerância corrobora a manutenção da estrutura econômica pela coerção social.

Por outro lado, é instigante resgatar as perspectivas pré-capitalistas de gênero para esperar outra realidade para nossa sociedade. Em muitas culturas, como a hindu, e diversas etnias nativo-americanas, pessoas que transitavam entre os gêneros e transgêneras eram tidas como autoridades espirituais na comunidade. Essas culturas vivem há milhares de anos, enquanto o sistema capitalista está dominando o poder apenas há algumas centenas, assim, pode e deve ser mudado pelas pessoas autônomas organizadas em prol da soberania e do poder popular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A marcante poética trágica de Newton Moreno denuncia uma gama de mazelas constituintes da sociedade brasileira, com muita sensibilidade, nos conduz a questionar as violências sistêmicas que nos atravessam. Como vimos, a abordagem marxista do materialismo histórico-dialético, oferece múltiplas formulações teóricas para melhor compreendermos as engrenagens sociais. Entendendo que a expropriação do poder individual para o sistema econômico somente beneficia os donos do poder, cabe a classe dominada buscar formas alternativas de se organizar e decidir o que lhe convém e, de fato, faz bem.

5. REFERÊNCIAS

- MORENO, N. (2004). **Agreste (Malva-Rosa)**. *Sala Preta*, 4, 97-104.
- MARX, K. (2017). **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro III: O Processo Global de Produção Capitalista. Edição de Friedrich Engels. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.
- LEAL, Victor Nunes. (2012). **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- FEDERICI, Silvia. (2021). **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo.